



No fio da memória

Maria de Fátima Cruvinel*

Amorosa. Assim me recordo dela, com lembranças que me reportam à imagem de uma mãe boa, quase sempre feliz. Consigo que assim seja porque o pior momento que poderia passar a seu lado, o da despedida em seu leito de morte, não o vivi; estava longe. E por isso me julgo privilegiada, já que não queria maculada a imagem que dela tinha construída: a de uma mulher forte, apesar da delicadeza denunciadora de sua frágil feminilidade; vigorosa, em sua lida diária para alimentar tantas bocas, vestir com roupas sempre muito limpas, e que ela mesma costurava, tantos corpos vaidosos e exigentes de meninas-moças sedentas de vida; defensora da autoridade paterna, malgrado sua conivência diante de nossos desejos infantis, cedendo quase sempre às nossas súplicas, comportamento que então achávamos resultar de uma fraqueza de espírito e diante da qual saíamos vitoriosas e soberbas, mas que hoje, amadurecida especialmente pela maternidade, entendo por que... simplesmente porque era mãe. E mãe sabe que muitas vezes deve ceder. Dessas lembranças, algumas me vêm às vezes à memória, e agora tenho o prazer de registrar.

Sobretudo, amorosa. Conosco e com o homem que sempre amou, apesar de não ter tido o direito de escolhê-lo como primeiro marido. Mas o destino, ah! o destino, será que ele existe? No caso de minha mãe, era assim que ela gostava de pensar: sua vida fora tramada por ele. Instada a se casar com um moço que, dizia minha avó, seria um bom partido para uma de suas filhas, ela, muito obediente, cedera (seria sua sina?), já que sua irmã mais velha, gênio forte, não se dobrara ao imperativo da mãe. Mas o prognóstico de minha avó não demorou muito a ruir. O tal bom moço, culto e de fino trato, além de ser proprietário de um bom pedaço de terra, valor inigualável naquela época, não havia estudado na escola da vida a lição do amor. Tratava-a grosseiramente. Talvez também não a amasse, ou não fosse afeito à amorosidade, não me interessa sua história, mas o certo é que fizera minha mãe sofrer. Ela, então com seus dezenove anos, certamente cheia de ilusões de moça, ressentia-se da indiferença do marido, a quem servia como dona de casa, que devia dar conta da faina diária de cozinhar para os tantos trabalhadores que ele mantinha.

* Doutora em Estudos Literários pela Unesp-Araraquara; Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG. E.mail: fatimacruvinel@uol.com.br

Maria de Fátima Cruvinel



Mas o destino, ah! o destino... deu ao casal pouco tempo. Uma doença o levou depois de poucos anos de casado. Liberdade era o que ela poderia sentir, mas qual... jovem viúva, à época, não tinha outra saída senão abrigar-se na casa da mãe, onde foi bem acolhida, mas se sentia um tanto desambientada em meio a tantas moças: malgrado ser ainda muito jovem, tinha dois filhos pequenos para criar e carregava o peso da viuvez. Festas não eram para ela; roupas e cabelo na moda, se demonstrava interesse, era duramente criticada; devia viver reclusa até que sua vida se resolvesse. Como? Um segundo casamento. Todavia quem a iria querer se na casa havia pelo menos mais quatro moças, no auge de sua beleza e castidade? Mas o destino, ah! o destino... Não demorou muito para que se lhe apresentasse o novo marido. E a surpresa! Tratava-se de um amor de infância... Chegara, mas não antes do padrinho, no papel de casamenteiro. Preceito da época: a mão da moça era pedida não pelo interessado, mas por alguém que já tivesse da família certo respeito. Acordo firmado. Felicidade batendo à porta. E assim foi, até que a morte dele os separou fisicamente.

Esse sentimento pelo marido certamente fortaleceu seu amor de mãe. Amor que se materializou de inúmeras formas. Recordo-me dela, sentada à máquina de costura, cantando baixinho, quase sussurrando uma melodia cujos acordes se repetiam incansavelmente. Com que alegria ela fazia girar a manivela da maquininha antiga da qual, em poucas horas, saía pronta uma peça de roupa. Essas cenas se repetiram muitas vezes em nossas férias na fazenda, quando podíamos desfrutar mais de sua companhia. Ficávamos todas jogadas sobre as camas ao lado da mesinha de costura, e como as tardes demoravam a passar... O relógio na parede marcava sem pressa os passos do tempo. “Mãe, já é hora do lanche?”. “Daqui a pouco, filhas.”. Quanto de memória permeada pelos cheiros da cozinha de mamãe, pelos aromas da horta, pelo frutos no quintal, que chegava a ser escuro, tantas fruteiras havia. Todas plantadas pela mão dessa boa mãe. Dariam uma novela minhas lembranças gastronômicas. Evidentemente com alguns episódios que à época me enraiveciam – o jiló sobre o arroz, por exemplo, que ela insistia em nos fazer apreciar – mas que hoje são lembrados com humor. É preciso certa maturação para degustar fruto tão amargo.

Como era distante a cidade, o que tínhamos para o lanche eram as quitandas que ela mesma fazia. Sempre me acompanhou o cheiro da massa crescendo sob o efeito da fermentação, depois vinham as deliciosas rosquinhas caseiras saídas do forno do fogão a lenha. Doces lembranças que nos afagam, assim como nos acalentam as brincadeiras com que preenchíamos o tempo: “Mãe, podemos ir tomar banho na cachoeirinha?”. “Mas vocês foram ontem! Além do

Maria de Fátima Cruvinel



mais, é perigoso!”. “Deixa, mãe, deixa...”. Implorávamos. Diante de sua recusa, deixávamos passar algum minutos para voltar à carga: “Deixa, mãe, deixa...”. “Tá bom, mas só mais hoje.”. “Mãe, podemos andar a cavalo?”. “Podem, mas tomem cuidado. E não esqueçam os arreios fora do lugar, que seu pai vai ralhar com vocês”. No fundo, ela tinha um pouco de pena de nós, por termos de viver tantos meses na cidade, mas, ao mesmo tempo, quanto orgulho sentia de nos ver estudando: “Estudem, minhas filhas, porque eu não tive oportunidade.”

Por isso mesmo, ela não media esforços, durante o período escolar, para nos trazer tudo do bom e do melhor, que nos abastecia a despensa e o coração. A cada semana, eram latas e latas de alimentos. Afinal, a prole era grande. Mas além do básico para o sustento – o arroz, o feijão, a carne, os legumes, o leite e os ovos –, seu amor transbordava nas latas de frutas, doces e biscoitos. Alimento para o coração, porque regado a amor. Sabíamos que era ela quem subia nas grimpas das fruteiras, gesto que nunca se apagará de minha lembrança, para colher os frutos que nos trazia e com os quais nos deliciava. Eram sempre os frutos da estação: laranjas, mexericas, mangas, bananas, goiabas, jabuticabas. Ah, o som da jabuticaba explodindo na boca, como esquecer? Sabor especial porque misto de doçura e saudade.

Sua amorosidade vinha também das histórias que incansavelmente nos contava, à luz de lamparinas, antes de irmos para a cama. Eram histórias recheadas de fantasia, causos de assombração que nos mantinham acordadas, mas com certo bolor de ensinamento. Era grande sua preocupação de nos guiar de maneira a não escolhermos caminhos perigosos, capazes de nos desviar em nossa viagem. Compreensível, já que para nós só queria o bem, mesmo lutando para não parecer tão distanciada de nossa época. Mas de todos os gestos de minha mãe há um cuja sensação sempre se manteve viva em mim, apesar de mais distante no tempo: a do afago de suas mãos. Isso se dava especialmente quando havia visitas noturnas, geralmente senhoras com as quais ela conversava horas a fio, tempo em que eu ficava sempre ao seu lado, muitas vezes resistindo ao sono. Mãos sobre mãos. As dela, grossas, calejadas pelo duro trabalho diário, acariciavam as minhas, pequeninas ainda, frágeis, ansiosas pelo carinho. Essa a melhor lembrança.